



AFRICANIDADES: A extensão como formação para cidadania no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Campina Grande.

Ana Catarina Guimarães Gomes¹, Joyce Kaynara Silva Gomes², Noemia Daiana de Oliveira², José Luiz Cavalcante³

¹Bolsista de Extensão do IFPB – Campus Campina Grande. e-mail: catarina_jocelio@hotmail.com

²Voluntárias de Extensão do IFPB – Campus Campina Grande. e-mail: noemia_girl@hotmail.com

³Prof. Ms. Orientador de Extensão do IFPB – Campus Campina Grande. e-mail: luiz-x@hotmail.com

Resumo: Neste artigo apresentamos resultados do Projeto de Extensão Africanidades, desenvolvido no âmbito do Campus Campina Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. O projeto teve como objetivo geral promover ações interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão que levassem a comunidade escolar do Campus Campina Grande e seu entorno a refletir sobre o papel da cultura africana na constituição da cultura afro-brasileira, englobando sua presença nas diversas áreas das ciências, estimulando o respeito e a valorização de nosso legado cultural. Dentre as diversas ações que estão sendo realizadas na vigência do projeto, que vai até novembro de 2012, apresentamos nesse artigo uma discussão sobre uma pesquisa gerada pelo projeto Africanidades sobre preconceito e racismo com a cultura afro-brasileira e seus representantes no âmbito de nosso Campus. Utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado e fizemos uma análise de resultados quantitativa e qualitativa dos dados obtidos. Os resultados apontam para uma preocupação por parte da população de estudantes afrodescendentes do Campus com o preconceito racial, a grande maioria reconheceu a existência de preconceito com práticas próprias da cultura afro-brasileira, como por exemplo, de religiões de matriz africana. Os resultados mostram ainda a necessidade intensificar o debate dessa e de outras temáticas ligadas à exclusão social, que são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos educandos e sua formação para a cidadania.

Palavras-chave: cultura afro-brasileira, currículo e diversidade, preconceito racial, extensão e cidadania

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o nosso país abriga mais de 200 (duzentos) milhões de indivíduos. A miscigenação de nosso povo contribui para eclosão de uma pluralidade cultural singular. Essa mistura de etnias contribui para riqueza cultural com influência nas mais diversas expressões artísticas e sociais.

A África considerada como berço da humanidade nos legou inúmeras contribuições através dos negros que aqui foram trazidos como escravos. Oriundos de tribos distintas, a fusão dessas culturas gerou o que chamamos hoje de cultura Afro-Brasileira. Apesar da importância dessa influência a sua valorização em nosso país é um desafio. Ao longo da história percebemos os cenários de desigualdades aos quais os afrodescendentes são submetidos.

O projeto de extensão “Africanidades: aprendendo com nossas raízes” nasceu dos anseios da comunidade escolar, representada por alunos dos Cursos Técnico-Integrado do Campus Campina Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – Campus Campina Grande, que oferece além dessa modalidade, cursos superiores, como licenciatura em Matemática, Construção de Edifício e Telemática. Esses alunos, hoje integrantes do projeto, questionavam o papel da instituição quanto à promoção de debates sobre a diversidade cultural, além da ausência da cultura afro-brasileira no currículo escolar. Partindo dessas questões elaboramos e submetemos com sucesso o projeto de extensão Africanidades. O projeto foi aprovado pelo Programa de Extensão com a concessão de bolsa para estudantes envolvidos.



Inicialmente na concepção do projeto, pensamos em investigar as influências da cultura africana na Matemática, já que o docente orientador está ligado a Licenciatura em Matemática, e trazer essas discussões para a comunidade escolar como um todo, propondo, inclusive, mudanças e reflexões sobre o atual currículo. No entanto, observamos que as demandas eram ainda maiores, dessa forma o projeto tem como proposta atual atividades de pesquisa relacionadas à influência da cultura africana nas diversas ciências, com a parceria interdisciplinar de vários docentes da instituição, as contribuições dessas investigações estão sendo levadas para a comunidade escolar e do entorno da instituição através de seminários, palestras e eventos que tem como objetivo primordial abertura do diálogo sobre a identidade cultural afro-brasileira, levando em consideração valores como respeito, ética e cidadania.

Fruto das atividades de extensão oriundas do Projeto Africanidades a presente pesquisa nasceu exatamente da necessidade de investigarmos a percepção dos alunos do nosso Campus frente ao tema preconceito e racismo. Observamos que esse tema passou a ser questionado frequentemente durante as atividades promovidas pelo projeto, a exemplo do Encontro para a Diversidade e Consciência, ocorrido em novembro de 2011. Durante o evento, foram inúmeras as manifestações pessoais de alunos a acerca da temática. Partindo disso, elaboramos a seguinte questão de pesquisa para investigação: como os estudantes do IFPB-CG percebem o racismo e preconceito racial em seu ambiente de estudo?

Essa questão de pesquisa reflete, por um lado, o anseio de esclarecermos a percepção dos estudantes do nosso Campus frente ao tempo e, por outro, pretende lançar luzes sobre a importância de intensificar o debate sobre o tema, inclusive com uma presença mais significativa no currículo e nas práticas escolares da instituição.

Fredrik Barth (1998), importante antropólogo do último século, chama-nos atenção para importância da tomada de consciência dos indivíduos no processo de construção de sua identidade étnica, essa reflexão passa por despertar os indivíduos sobre o seu papel na construção da sua identidade cultural e atuação no sentido de preservar e a valorizar seu legado cultural e étnico.

No entanto, mesmo com as políticas públicas empreendidas nos últimos 10 anos, a realidade brasileira nos mostra que mais esforços devem ser empregados nesse sentido. Mesmo com a promulgação de nossa Carta Magna e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, observamos que as escolas, enquanto instituições formadoras precisam realizar ações sistemáticas que promovam o respeito e valorização das diferentes culturas, inclusive a Afro-Brasileira. (FERNANDES, 2005).

A condição escrava contribuiu fortemente para alargamento de desigualdades sociais que mesmo com a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, não foram minimizadas e, juntamente com esse quadro de desigualdade difundiram-se práticas de preconceito as minorias. “*Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional.*” (FERNANDES, 2005, p.380).

A omissão escolar segundo Cunha (2007) é responsável pela o fortalecimento de credices que inferiorizam a cultura Afro-Brasileira, potencializando preconceitos e desigualdades.

A promulgação da constituição de 1988 foi um passo importante na construção de ações e políticas públicas que valorizem as diferentes manifestações culturais em nosso País. O artigo 215 em seu primeiro parágrafo destaca o dever do estado em proteger as manifestações culturais dos diversos grupos étnicos que constituem a nossa nação.

Juntamente com nossa Carta Magna a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394/96 prevê em seu artigo 26 a constituição de uma matriz curricular que abranja a valorização e o respeito às etnias. Em 2003 a lei 10.639 tornou obrigatória a inserção no currículo da Educação Básica a História e Cultura Afro-Brasileira além do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra.



Dessa forma o objetivo geral da presente pesquisa foi investigar a percepção dos estudantes frente à questão do preconceito racial, a fim de dar contribuições para intensificação do debate acerca dessa temática, no currículo dos Cursos de Nível Médio na modalidade Técnico-Integrado.

Freire (2009) destaca que ações desse tipo podem gerar mudanças no currículo escolar, pois para o autor a educação, como ato político e de emancipação de sujeitos, se dá pelo exemplo. A pesquisa e o diálogo, segundo o autor, são fundamentais nesse processo.

A seguir apresentamos de forma breve os princípios metodológicos que nortearam o processo de pesquisa, seguidos da apresentação dos resultados obtidos e da discussão dos mesmos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa teve como sujeitos estudantes dos Cursos Técnico Integrado do Campus Campina Grande do IFPB. O Campus Campina Grande atende a cerca de 1000 (mil) alunos nessa modalidade, distribuídos nos Cursos de Petróleo e Gás, Informática, Manutenção de Computadores e Mineração, com faixa etária entre 14 e 22 anos.

Como mencionado na introdução do presente artigo a pesquisa que ora apresentamos visava investigar as percepções desses estudantes acerca do preconceito e racismo no âmbito da nossa instituição. Essa questão de pesquisa surgiu através dos eventos promovidos pelo projeto de extensão Africanidades que trouxe para a comunidade escolar e para a comunidade do entorno do Instituto discussões acerca das influências da cultura afro-brasileira na formação de nossa identidade.

Nesse sentido optamos por um processo de investigação qualitativa, onde segundo Bogdan e Biklen (1994) visa analisar os dados em profundidade, privilegiando os processos de investigação em detrimento dos resultados finais. A pesquisa nessa modalidade, segundo os autores não dispensa o uso de instrumentos quantitativos de pesquisa, segundo os autores a diferença está na abordagem interpretativa dos dados.

Para atendermos uma amostra significativa dos estudantes optamos pelo uso de um questionário estruturado, baseado no Instrumento I do Projeto de Iniciação a Pesquisa Científica em Sociologia do Colégio Dom Pedro II – Tijuca, sob orientação da Professora Martha Carvalho Nogueira (2008).

Segundo Minayo (2004) esse tipo de questionário tem a prevalência de questões fechadas com respostas pré-definidas pelos pesquisadores. Como o objetivo da pesquisa era identificar as impressões dos sujeitos sobre o tema em questão, preferimos a sua aplicação para atingir uma amostra maior, sem dificultar o processo de análise.

Dessa forma, o nosso Questionário de Pesquisa, foi dividido em duas categorias, a primeira solicitava aos entrevistados informações gerais, sobre suas principais atividades dentro e fora da instituição, questões relacionadas a gênero e idade, bem como moradia. Na segunda categoria tínhamos chamada de questões específicas, trouxemos o preconceito racial ao negro sobre três aspectos, o primeiro em relação as suas práticas próprias como, por exemplo, a prática de religiões de matriz africana, a segunda o preconceito na sociedade e a terceira parte o preconceito dentro da instituição.

A análise estatística dos dados foi realizada dividindo os dados da categoria das questões específicas nesses três universos. Em seguida fizemos a análise dos resultados à luz do referencial teórico comentado na introdução do presente artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para aplicação do questionário seguimos o processo de participação voluntária, definimos as turmas que participariam da amostra dentre os cursos oferecidos pelo Campus Campina Grande, os alunos dessas turmas recebiam o questionário e voluntariamente respondiam ou devolviam o questionário sem respostas.

Dessa maneira, coletamos 160 questionários respondidos na íntegra, das turmas visitadas nos quatro cursos oferecidos pela instituição tivemos, portanto, uma representatividade de quase 16% dos



alunos do IFPB – Campus Campina Grande, matriculados nos Cursos Técnico Integrado da instituição.

A participação dos alunos convidados foi efetiva, no entanto, houve em uma turma, um caso que chamou a atenção dos pesquisadores, que foi um aluno que expressou sua recusa em responder o questionário, rasgando o questionário, segundo o mesmo essa temática não tinham importância.

Freire (2009) destaca a omissão ou negação em debater as grandes questões sociais e éticas como atitude excludente, para o autor, a escola e seus representantes, devem agir pelo exemplo, ou seja, a ação pedagógica deve ser revestida de práxis que seja condizente com seu discurso. Atitudes como a do jovem precisam ser analisadas com cautela.

Dos 160 estudantes cerca de 79% tinha idade entre 14 e 16 anos e restante com idades variando entre 17 e 19 anos. Quanto ao gênero percebemos que 51% eram do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Com relação afirmação da sua etnia 51% dos estudantes se declararam negros ou pardos.

Partindo para as questões específicas chegamos aos seguintes resultados. Na primeira parte da segunda categoria, que dizia respeito ao preconceito com práticas religiosas de matriz africana, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1 – Preconceito com Religiões de Matriz Africana

Perguntas	Porcentagem (%)
Existe, mas é ignorado	54
Existe, mas é discutido	26
Não existe	20

Observando a Tabela 1 percebem que 80% dos entrevistados reconhecem a existência do preconceito quanto a práticas influenciadas para cultura africana como a religiosidade, destes 80% denunciam a ausência de discussão sobre o tema. Apenas 20% consideram que este tipo de preconceito não existe.

Analisando a quantidade de estudantes que reconhece o preconceito, observamos que 54%, ou seja, o dobro acredita que na existência e na ausência de debater sobre o tema. Freire (2009) destaca que a escola, enquanto lugar de formação e emancipação dos sujeitos, não pode ser instrumento de exclusão. A omissão do debate pode contribuir para exclusões nos mais diversos aspectos segundo autor.

Em relação ao segundo aspecto da categoria das questões específicas, onde tratamos do preconceito racial em suas experiências na sociedade, as seguintes respostas foram apontadas:

Tabela 2 – O Preconceito racial em suas experiências sociais.

Perguntas	Porcentagem (%)	
	Sim	Não
Já sofreu algum preconceito racial?	41	59
Já presenciou atitudes racistas?	70	30
Você conhece pessoas racistas?	68	32

Observando a Tabela 2 temos um dado alarmante que é o fato de 41% dos alunos declararem já ter sofrido algum de preconceito racial. Acompanhando essa tendência 70% deles responderam ter presenciado atitudes racistas ou conhecer pessoas com esse tipo de postura. Isto pode indicar que mesmo aqueles que não declaram ter sofrido preconceito racial conheciam podiam conhecer ou já ter presenciado atitudes racistas.

Em relação ao terceiro e último aspecto da segunda categoria, o preconceito racial no âmbito da convivência no Campus Campina Grande do IFPB, chegamos as seguintes respostas:



Tabela 3 – Preconceito com Religiões de Matriz Africana

Perguntas	Porcentagem (%)	
	Sim	Não
Há segregação racial na sua escola?	19	81
Há diferença de tratamento institucional entre negros e brancos na sua escola?	20	81

Observamos que no terceiro aspecto da segunda categoria tínhamos duas perguntas relacionadas à vivência dos entrevistados no Campus Campina Grande do IFPB, a primeira ligada ao relacionamento entre os próprios entrevistados e os seus pares e a segunda questão versava sobre a relação entre instituição e seu tratamento para com os alunos. Nas duas questões como vemos na Tabela 3 o percentual é idêntico, a maioria de 80% considera que não segregação entre seus colegas e nem diferenciação no tratamento dos alunos entre negros e brancos. Do mesmo modo há um percentual de 20% dos estudantes que veem a questão de modo contrário, ou seja, que há segregação e diferenciação no tratamento institucional quanto aos alunos.

Embora 80% seja um número significativo que declaram não ter problemas em relação a segregação e o relacionamento institucional, a outra parcela por mais ínfima que seja, representa a visão de quase 200 alunos, se pensarmos nessa amostra como representatividade dos alunos atendidos pelos IFPB – Campus Campina Grande, isso mostra que embora a totalidade seja impossível de ser alcançada, é preciso desenvolver práticas que poderão diminuir esses percentuais.

A nossa análise desse fato está atrelada a necessidade de um diálogo mais amplo sobre o preconceito racial e também sobre outras formas de preconceitos dentro da instituição. Cunha (2007) destaca que o preconceito gera imagens negativas acerca da cultura e da própria identidade do sujeito que representa qualquer etnia. Por essa razão, a discussão e a inserção da temática com um debate franco e amplo pode minimizar tais impactos.

Por outro lado, percebemos que o Projeto de Africanidades tem tido como principal meta trazer a tona esse debate, a própria questão de pesquisa, nasce das discussões que são propiciadas pelo trabalho de extensão.

6. CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como foco principal investigar a percepção dos estudantes dos Cursos Técnico-Integrado do Campus Campina Grande acerca do preconceito racial, mostrando nesse sentido a extensão como possibilidade para abrir diálogos e promover discussões que são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, de forma ampla, para o exercício de sua profissão e de sua cidadania.

Os dados mostraram que há no IFPB – Campus Campina Grande uma quantidade de alunos considerável que reconhecem a existência do preconceito para com aspectos da cultura afro-brasileira, no caso da pesquisa, relacionados a religiões de matriz africana, declararam a existência do preconceito racial.

Considerando que o Campus hoje concentra cerca de 50% de jovens que se consideram negros ou pardos, é imprescindível que a instituição, promova debates contínuos sobre temas diversos ligados não só ao preconceito racial, mas que englobe formas de diversas de preconceito ou exclusão.

Compreendemos também que Projeto Africanidades tem sido um primeiro passo nessa promoção.

Esperamos que os resultados dessa pesquisa possam fomentar discussões sobre a importância da valorização da cultura afro-brasileira e da formação da identidade dos indivíduos para o exercício da cidadania.

Apesar de nossa intenção de utilizarmos os resultados dessa investigação para subsidiar as atividades do Projeto Africanidades, compreendemos que há necessidade de investigar a temática em maior profundidade, podendo contribuir para efetivação de práticas educativas e adequação do currículo no sentido de atender as demandas sociais e éticas de formação dos nossos estudantes.



REFERÊNCIAS

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20/12/1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília DF: Senado, 1996.

_____. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 20 de outubro de . 2011.

BOGDAN, R; BLIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: introdução a teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CUNHA JR, H. A Inclusão da História Africana no Tempo dos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro**. São Paulo: USP, p. 1-5, 2007.

FERNANDES, J. R. O. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cadernos Cedes**, Campinas: UNICAMP, v. 25, n. 67, p. 378 - 388, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 39ª Edição. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.